

# 1

## Introdução

A relação com o mundo visual sempre foi muito significativa ao longo da minha vida. Quando criança, de maneira extremamente passional, mesmo que eu não fosse consciente dessa paixão, era instintiva num mundo cheio de cores, letras, formas que insistentemente eu tentava materializar, nos desenhos autorais, lápis coloridos, papéis, figurinhas, recortes de embalagens, e nas atentas cópias dos rótulos que enchiam meus olhos infantis já tão apaixonados por aquele mundo. Na adolescência, a passionalidade desta relação foi assumida, norteou meus diários, capas de cadernos, colagens feitas para os amigos e o gosto pelas disciplinas nas quais os professores tinham mais cuidado com a composição do quadro negro, já entregava minha inquietação com o mundo visual e assim, pouco a pouco, fui descobrindo o que queria fazer profissionalmente mesmo sem saber onde e como fazer!

No vestibular, quando da decisão profissional, me dividi entre a Publicidade e o Design, mas logo após as primeiras semanas de aula em ambos os cursos, minha decisão já estava tomada. A proximidade com a formulação de propostas de projeto visando necessidades reais, a proximidade com a linguagem visual, teoria e prática caminhando paralelamente e complementarmente, mas tendo a comunicação visual como eixo referencial, fizeram com que essa escolha fosse bastante tranqüila e servisse de incentivo para um mergulho muito mais profundo.

Durante o curso de graduação, alguns aspectos como a criatividade e o ‘ensinar design’ particularmente despertaram meu interesse e me levaram ao mestrado em Design no qual desenvolvi minha pesquisa<sup>1</sup> que teve como foco os dois aspectos que sempre me chamaram a atenção, o ensino e a criatividade.

---

1. um estudo de caso, que teve como objeto algumas práticas pedagógicas utilizadas pelos professores da graduação em Design para o estímulo da criatividade de seus alunos na primeira disciplina de projeto da grade curricular do curso. Para maiores detalhes consultar: RIBEIRO, Flavia Nizia. **Práticas pedagógicas em cursos de graduação em Design**: um estudo de caso. 2002. 129 fl. Dissertação (Mestrado em Design) - Departamento de Artes & Design, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2002.

Após a defesa, algumas inquietudes continuavam. Todas as práticas que observei se valiam de algum suporte visual, de algum material que quase nunca eram livros didáticos, isto aliado à minha inserção em um curso de educação à distância - no qual pude vivenciar desde a confecção do material didático, passando pela administração, coordenação pedagógica até a tutoria – e a atenta observação aos jovens que me cercavam, estudantes do ensino médio, fundamental e também universitários, fizeram com que os caminhos que eu estava seguindo desembocassem nesta estrada maior que é esta minha pesquisa de doutorado.

Hoje se posso dizer que sou um ‘bicho de olhos treinados’, devo isso à minha formação como designer, a certos códigos aprendidos. Hoje acredito que aquela intuição que se fez tão presente na minha infância e adolescência foi o estopim de toda a reflexão que faz parte da minha formação profissional. Essa conjunção de **intuição + formação de uma cultura visual particular** me permitiu um olhar diferenciado sob as questões que, de certa maneira, foram abordadas ao longo desta pesquisa.

Desde execução do projeto até a redação do texto final da tese, muitos questionamentos povoaram a minha mente. Eram perguntas que funcionavam como hipertextos, geravam outras e outras e assim trilharam esta estrada. Por isso, achei oportuno trazer aqui algumas delas e proporcionar a você leitor uma melhor contextualização do lugar de onde estarei falando nas próximas páginas, além de ilustrar o caminho por mim percorrido e, para isso, nada melhor do que já na neste primeiro momento iniciarmos a falar das imagens, afinal este é o tema da pesquisa!

Vamos a algumas dessas questões:

Qual a função da imagem presente nas fontes de consulta para a aprendizagem formal dos jovens estudantes?

Será que as escolas e universidades tiram proveito do mundo visual que está cada vez mais presente no cotidiano de seus alunos?

É importante que a distância entre o cotidiano e a vida escolar seja diminuída? Estas duas realidades devem ser aproximadas?

Como a mídia consumida por estes jovens pode se transformar em um elemento facilitador da construção do conhecimento?

Porque tenho a impressão de que não existem muitos movimentos oriundos do ambiente escolar que valorizem o consumo visual e midiático de seus alunos? Será que isto realmente acontece?

Nosso consumo visual, cognição, fruição vem mudando nos últimos tempos?

Como está mudando a nossa maneira de fruir a imagem e quanto esta fruição muda o nosso modo de pensar e se orientar na realidade, no nosso cotidiano?

Tantas perguntas certamente me levariam a uma infinidade de outras estradas a serem trilhadas e, quem sabe, serviriam ao desenvolvimento de muitas teses. Destaco aqui a grande questão deste trabalho:

### Qual a função da imagem na construção do conhecimento?

Tendo esta pergunta como fio condutor, o caminho por mim escolhido então ficou assim configurado:

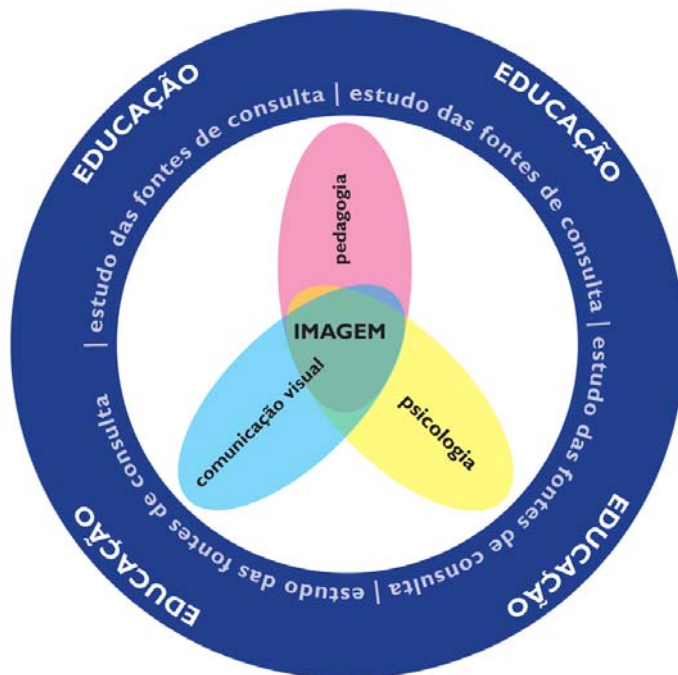


Figura 1. Panorama conceitual prévio da pesquisa

Um ponto importante que cabe ressaltar, e que inclusive merecerá um capítulo do meu trabalho, é o conceito de imagem aqui trabalhado. Minha pesquisa se ocupa da imagem como representação visual, tomando o texto escrito como contraponto, como no interjogo entre figura e fundo.

Embora digamos que tanto um texto pode esclarecer uma imagem como também pode ser ilustrado e esclarecido por ela, parece ser mais comum pensar a imagem como reconhecida unicamente para aceder ao texto, o vetor rumo ao que parece lhe ser superior: o texto. Mas, por que não conceber o inverso? Por que a imagem visual, por tanto tempo estigmatizada e reduzida à mera ilustração que apenas realça o texto, não pode ser uma imagem-texto e, desse modo, se bastar por si mesma, no trabalho de tradução representativa do mundo, sendo ela própria um fator de conhecimento para o homem?

A adoção deste ponto de vista se mostra reforçada pela constatação de uma peculiaridade da mente humana, como muito bem aponta Steven Johnson<sup>2</sup>:

[...] a memória visual é muito mais duradoura do que a memória textual; que há muito mais facilidade em se recordar um rosto quando passado um tempo do que um nome ou que podemos lembrar, meses atrás, de uma citação que se situava num canto superior esquerdo de uma página, mesmo que tenhamos esquecido as palavras da própria citação [...] (Johnson, 2001, p.15)

Posta a questão norteadora e alguns esclarecimentos em torno de sua construção, trago aqui a estrutura da pesquisa:

#### **tema**

- como se dá a articulação da imagem/texto na Internet pelo jovem universitário na construção do seu conhecimento.

#### **objetivos centrais**

- investigar como se dá a 'leitura' da imagem nas fontes de consulta usadas pelos jovens estudantes tanto no espaço pedagógico quanto fora dele;
- verificar se estas imagens são diferenciadoras em relação às fontes de consulta pelos jovens universitários;
- verificar e analisar a relação imagem/texto nessas fontes.

Para a consecução desses objetivos, houve necessidade de fazer uma pesquisa exploratória preliminar cujos objetivos eram:

- investigar quais as mídias que, mais efetivamente, faziam parte do processo de construção ampla do conhecimento;
- investigar quais os recursos midiáticos, incluindo Internet, estavam sendo utilizados no âmbito da aprendizagem realizada nos espaços pedagógicos escolhidos como campo de pesquisa..

Tendo em vista este desenho, considero oportuno ressaltar algumas das minhas principais influências e que certamente são refletidas ao longo da redação final desta tese.

O primeiro ponto é a inserção da minha pesquisa em contexto maior.

---

2. JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001. 192 p.



Figura 2. Diagrama de inserção da pesquisa em um contexto maior.

A inserção da investigação que dá suporte à minha tese em um grupo de pesquisa maior foi extremamente enriquecedora para meu trabalho, pois proporcionou a troca freqüente com outros pesquisadores, doutorandos, mestrandos, bolsistas de iniciação científica, sem falar nos consultores. A articulação de teorias, metodologias, opiniões, experiências, etc. teve fundamental importância para a construção da minha investigação e também da minha formação como pesquisadora, porque não dizer?

Outro ponto que pode ser considerado como pedra fundamental para mim foi a contribuição que deram os consultores do diretório de pesquisa.

O primeiro consultor com quem tive contato foi Miguel Figueira de Faria, professor da Universidade Autônoma de Lisboa – UAL, que segue uma linha de pesquisa histórica sobre o uso da imagem nos textos do período entre os séculos XVI a XVIII. Um dos frutos de sua pesquisa é o livro *A imagem útil*<sup>3</sup>, no qual o pesquisador realiza sua investigação com base nos trabalhos realizados pelos desenhistas anônimos que vinham nas expedições que buscavam conhecer o Novo Mundo e, em particular, o Brasil. Esta obra somada a algumas conferências e conversas pessoais do e com o Prof. Miguel foram inspiradoras, no início deste trabalho, no trilhar desta estrada.

Outro consultor foi o pesquisador Fernando Vidal, do Max-Planck-Institut für Wissenschaftsgeschichte Berlim, Alemanha que, sendo consultor permanente do grupo de pesquisa ao qual a minha tese está filiada, teve a disponibilidade de ler meu primeiro esboço de projeto de tese e fazer algumas pontu-

3. FARIA, Miguel Figueira de. **A Imagem Útil**. Lisboa: EDI UAL, 2001. 266 p.

ações sobre o conceito de imagem mental, decisivas na condução do desenvolvimento deste estudo.

Entretanto, foi o contato com o consultor do grupo de pesquisa Jovens em Rede, Pier Cesare Rivoltella, que segue uma linha de pesquisa em Mídia-Educação e é professor da Università Cattolica del Sacro Cuore di Milano – Itália, que delineou muito da estrutura final da tese. Desde o primeiro contato com meu trabalho, mostrou-se disponível à troca de idéias, deu sugestões de grande valia e me fez uma pergunta que foi determinante para o alargamento das fronteiras deste meu trabalho: *Você nunca pensou em fazer um estudo sobre imagem fora do Brasil?*

Realmente, eu nunca havia pensado naquela hipótese, mas a partir daquele momento fui cultivando a idéia, me candidatei a uma bolsa de estágio no exterior pela CAPES, fui selecionada e, assim, estive um ano na Itália sob sua orientação.

Inúmeros foram os desafios neste período fora, maiores ainda foram as oportunidades e experiências. Pude perceber que, por estar em uma sociedade que pode ser considerada academicamente como o berço da arte e, logicamente, da imagem, a produção científica em torno do tema é vastíssima e diversificada. Tive contato com vários autores que pensavam a imagem das muitas maneiras diferentes, a pesquisa bibliográfica foi infindável, durando até o último dia da minha estadia.

A partir das leituras que realizei, uma outra reestruturação foi feita. Tendo como principal foco de estudo a articulação entre a imagem, a construção do conhecimento e a Internet, me vali de outros campos que deram suporte ao meu estudo. Assim sendo, construí este mapa conceitual que, pela abrangência de cada área, nunca teve a pretensão de ser merecedor de estudos específicos, senão apenas ‘dar chão’ ao desenvolvimento de minha tese.

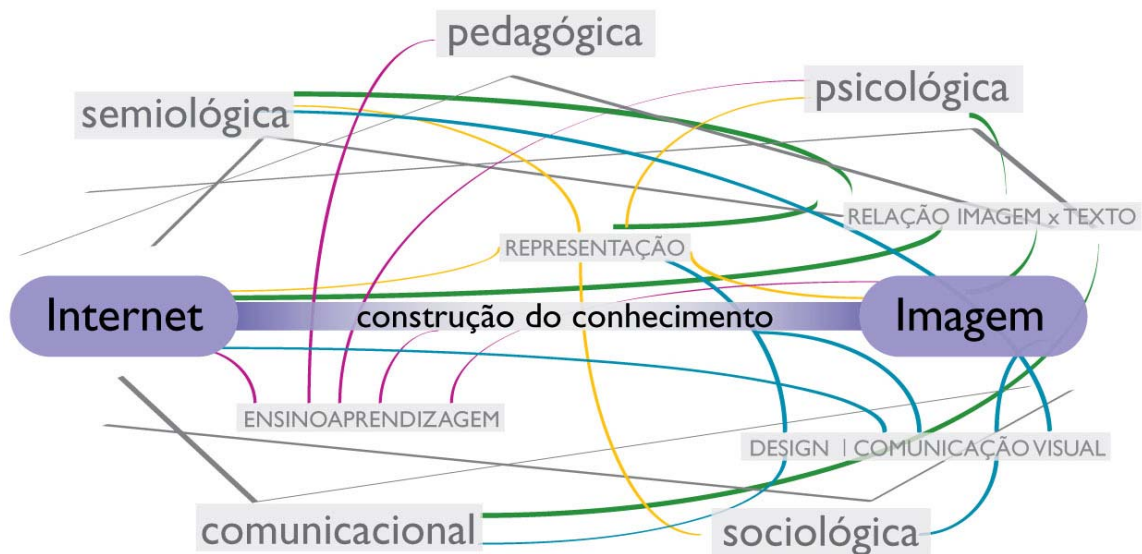


Figura 3. Mapa conceitual das possíveis abordagens do tema

Meus objetos foram confrontados e analisados como ‘sistemas de significação’ que fazem parte da dinâmica cotidiana dos jovens universitários, os sujeitos desta pesquisa. Por isso, a importância das contribuições da semiologia para meu trabalho, uma vez que a abordagem **semiológica**, conforme afirma o verbete do Novo Dicionário Eletrônico Aurélio<sup>4</sup>:

**semiologia** [De semio- + -logia.] Substantivo feminino. 1.E. Ling. Ciência geral dos signos, segundo Ferdinand de Saussure (v. saussuriano), que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de signos, i. e., **sistemas de significação**. Em oposição à lingüística, que se restringe ao estudo dos signos lingüísticos, ou seja, da linguagem, a semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos (imagens, gestos, vestuários, ritos, etc.). (Ferreira, 2004, s.p.) [grifo meu]

Por outro lado, há muito que a semiologia vem tratando da relação imagem/texto; minha idéia foi me valer desses estudos e conjugar a eles as contribuições específicas da áreas do Design - comunicação visual, da cognição e dos conceitos de representação.

Tomando como premissa básica que a dimensão psicológica só se constrói no social e pelo social, me detive mais na articulação da cognição e da afetividade, com os conceitos de representação, aprofundando meu estudo com a contribuição da Psicanálise, ou seja, me valendo da abordagem **psicológica**

Na abordagem **pedagógica** articulei as discussões de ‘ensinoaprendizagem’<sup>5</sup> com a construção do conhecimento uma vez que tive como foco as consultas realizadas na Internet pelos jovens universitários.

Enfim, tudo isso posto, devo reafirmar que, apesar de, aqui as abordagens estarem contempladas de forma separada, meu trabalho as apresenta sempre de forma articulada, até mesmo porque elas se encontram intrinsecamente relacionadas.

Ainda que se constate o interesse crescente pela linguagem visual, a constatação da importância da mídia na vida cotidiana, como bem colocam Feldman-Bianco e Leite (1998)<sup>6</sup>, o fascínio despertado pelas imagens, bem como a significação das culturas visuais no mundo contemporâneo, parece haver a necessidade de aprender a ‘ler’, produzir e interpretar criticamente as diferentes linguagens visuais. Dizem as autoras:

4. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**, vs. 5.0, 2004.

5. Me valho aqui de uma licença poética para a grafia do termo pois o tomo como a definição da formação de uma estrutura onde o total não é a soma das partes. Uma vez que ensino se liga a aprendizagem como a soma das partes então, para haver conhecimento deve haver as duas coisas, há uma mútua alimentação de ambas as partes, ou seja, é um processo de desenvolvimento, e não um fim.

6. FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. Moreira [org.]. **Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998.

No contexto dessas novas perspectivas teórico-metodológicas, questionamos a tendência de construir o conhecimento por meio de modelos e classificações e de utilizar a dimensão imagética como documento da ‘realidade objetiva’ ou como mera ilustração de textos verbais. Em vez do simples registro e da documentação visual do ‘instantâneo da experiência’, ressaltamos a importância de dedicar maior atenção aos significados culturais engendrados pelas imagens, bem como às formas como a produção e a leitura dessas imagens são mediadas. (Feldman-Bianco e Leite, 1998, p.12)

### Segundo Burnet

As imagens visuais parecem conter não somente mensagens, mas também os mapas necessários para compreender essas mensagens. No momento em se realiza um tipo particular de investimento na imagem, o contexto da comunicação adquire um significado cada vez maior. O resultado é um tipo diferente de imagem, que depende da especificidade cultural e da história local. (Burnet, 1995, p. 300 apud Feldman-Bianco e Leite, 1998)

Temos assim posto o problema que me conduziu ao objeto de nosso estudo: as tensões que se instalam entre o valor da imagem e o valor do texto na incessante busca do homem pela representação do mundo.

Segundo Chartier (1990)<sup>7</sup>

a problemática do ‘mundo como representação’ moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens)<sup>8</sup> que nos dão a ver e a pensar o real. Daí o interesse manifestado pelo intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação. (Chartier 1990, p. 23-24)

Ainda seguindo o curso reflexivo de Chartier na mesma obra, considero que, no ponto de articulação entre o mundo do texto ou da imagem e o mundo do sujeito, coloca-se necessariamente a maneira como estes (texto ou imagem) afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo.

Para isso, é preciso também modificar os paradigmas em relação ao ser humano que, na evolução das ciências que tentam estudá-lo, cada vez se mostra mais e mais fragmentado e, dentro do campo da educação procurar ver o binômio ensino-aprendizagem como uma impregnação mútua.

7. CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

8. Repare-se que aqui o autor se refere a leitores de imagem, reforçando assim o que disse acima acerca da imagem como texto.



Este é um dos pontos ressaltados por Pain (1996, p.15)<sup>9</sup> quando diz que dos problemas difíceis para a Pedagogia é a relação entre a construção do conhecimento por parte do indivíduo e a constituição do sujeito pelo conhecimento. O sujeito não é o sujeito até que conheça. É sujeito porque conhece, e é sujeito a esse conhecimento. A Pedagogia, durante muito tempo, levou em conta apenas parte do ser humano, o chamado sujeito epistêmico - sujeito que se dedica somente ao conhecimento, - baseando-se nas capacidades ou habilidades que este indivíduo tem para conhecer. Desta forma, a Pedagogia nem sempre considera a singularidade do indivíduo. Por sua vez, na Psicologia também existem teorias que tratam do sujeito do conhecimento, como as teorias da aprendizagem, as teorias da cognição, as teorias da percepção etc. Mas, também existem as teorias que se dedicam à constituição do sujeito, sobretudo as psicanalíticas. O olhar simultâneo para esses dois tipos de teorias é uma forma de obter um apoio teórico capaz de dar conta, de forma integrada, de toda a complexidade do sujeito.

Isto posto, passo agora a uma descrição comentada de como a tese ficou organizada.

No capítulo 2, *Forma, Imagem e Representação*, apresento o tema central da tese, me detendo na relação entre imagem e representação seguindo os pressupostos das teorias psicanalítica e da Gestalt, e trazendo alguns aspectos importantes da semiótica.

No terceiro capítulo, *Rede metodológica*, apresento a metodologia desta investigação e suas inúmeras articulações com outras pesquisas.

*Os jovens universitários: quem são, o que fazem e o que pensam*, apresenta o perfil dos sujeitos consultados; *Imagens e representações da Internet*, é a apresentação, análise e discussão da produção dos jovens e compõem, respectivamente, os capítulos 4 e 5, formando assim a apresentação e discussão dos dados.

Enfim, no capítulo 6, busco apresentar um panorama geral das análises e discussões expostas ao longo da tese.

---

9. PAIN, Sara. **Subjetividade Objetividade: relações entre desejo e conhecimento**. São Paulo: Associação Universitária Interamericana, 1996.